

**Xinga, chora e faz discurso:
Os sentidos culturais do *Cidade Alerta* perante a violência, a dor e o sofrimento**

*Offends, cries and makes speech:
The cultural senses of the Cidade Alerta against violence, pain and suffering*

Rosana Maria Ribeiro BORGES¹
Júlia da Silva PONTES²

Resumo

Na presente pesquisa, discute-se os sentidos culturais do programa televisivo *Cidade Alerta*, exibido pela *Rede Record* e vinculado ao gênero do Jornalismo Policial. Objetivou-se perceber como o sensacionalismo ocorria, principalmente por meio do uso de clichês, adjetivações, dramatizações e autorreferenciações, afinal, diante dos fundamentos do Jornalismo e do próprio fazer jornalístico, o *Cidade Alerta* pode mesmo ser considerado um telejornal? O corpo teórico dialoga com pesquisadores que investigam o Jornalismo, a linguagem televisiva e o jornalismo policiareasco. De abordagem qualitativa, o estudo utilizou a Análise de Conteúdo como método e o Levantamento Bibliográfico e a Pesquisa Documental como instrumentos de coleta e tratamento dos dados. As considerações apontam para a necessidade de um controle público da programação da TV, principalmente em relação aos programas que, travestidos de jornalísticos, mais entretém do que informam, além de incitar e banalizar várias violências.

Palavras-chave: Jornalismo Policial. Cidade Alerta. Sensacionalismo Televisivo. Violência na TV.

Abstract

In the present research, the cultural meanings of the television program *Cidade Alerta*, shown by *Rede Record* and linked to the genre of police journalism, are discussed. The objective was to understand how sensationalism occurred, mainly through the use of clichés, adjectives, dramatizations and self-re-beliefs, after all, given the fundamentals of journalism and journalism itself, could *Cidade Alerta* be considered a television news? The theoretical reference dialogues with researchers who investigate journalism,

¹ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação (PPGCOM), linha Mídia e Cultura, e do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rosanaborges.ufg@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: juliajornal18@gmail.com

television language and police journalism. From a qualitative approach, the study used Content Analysis as a method and the Bibliographic Survey and the Documentary Research as instruments of data collection and treatment. The considerations point to the need for a public control of TV programming, especially in relation to the programs that, travestidos of journalists, entertain more than they inform, besides inciting and trivializing various violence.

Keywords: Police Journalism. City Alert. Television sensationalism. Violence on TV.

Introdução

Neste estudo objetivou-se investigar como o sensacionalismo é construído no *Cidade Alerta*, programa que se auto intitula como um telejornal e é exibido pela *Rede Record* em cadeia nacional. A hipótese aponta que, de acordo com os fundamentos do Jornalismo e do próprio fazer jornalístico, o *Cidade Alerta* é mais um programa televisivo do que um telejornal. Um Levantamento Bibliográfico preliminar e um estudo exploratório realizado no *Cidade Alerta* possibilitaram perceber que a busca pela audiência em detrimento da informação faz pensar que a verdadeira intencionalidade é entreter para conseguir atrair a atenção do público. Todavia, como tal entretenimento vem travestido de informação, estudar as suas significações pode contribuir no pensar e no fazer do próprio telejornalismo, afinal, o que ali ocorre mais espetaculariza a vida e incita a violência do que gera algum tipo de reflexão sobre os processos existenciais e o próprio espaço urbano.

O principal corpo teórico é composto por autores que se dedicam ao estudo do jornalismo policiareco no Brasil, tais como Adriana Cardoso Nogueira (2000), Dannilo Duarte Oliveira (2011), Davi Mamblona Marques Romão (2013), Itania Maria Mota Gomes (2004, 2011) e Suzana Varjão (2015), bem como com os que investigam o Jornalismo e a linguagem televisiva, com destaque para Danilo Angrimani Sobrinho (1995), Ciro Marcondes Filho (1988) e Nelson Traquina (2004).

Como o objetivo do estudo está relacionado à percepção de processos e de sentidos culturais, a abordagem apontada para a pesquisa é a qualitativa, pois se compreende que essa é capaz de aprofundar o que se estuda por meio da construção processual do conhecimento. Todavia, a opção pela abordagem qualitativa que aqui se fez também está relacionada aos referenciais teórico-metodológicos adotados, que

apontam para um caráter construtivo e interpretativo do conhecimento, compreendido como uma produção histórica e não enquanto apropriação linearizada de realidades, tal como pontua González Rey (2005).

Já a Análise de Conteúdo é aqui apontada tanto como método, quanto como principal instrumento de coleta, sistematização e análise dos dados, uma vez que, como dito, objetivou-se focar no conteúdo exibido pelo *Cidade Alerta* a fim de perceber o quanto de jornalístico há ali. Além disso, acredita-se que por meio da Análise de Conteúdo, é possível visualizar as intencionalidades discursivas e os recursos dispostos na construção do material televisivo exibido pelo programa. De acordo com Fonseca Júnior (2005), em geral, este método, é focado nas mensagens e nas significações, o que permite a quem pesquisa planejar, comunicar e avaliar criticamente o que está sendo investigado com resultados críveis.

A Análise de Conteúdo foi realizada em edições do *Cidade Alerta* de 26 de setembro a 01 de outubro de 2016. Porém, como cada edição do *Cidade Alerta* é muito extensa, chegando a ter mais de três horas de duração, estudou-se trinta reportagens e, no final, escolheu-se cinco para um estudo mais aprofundado.

Os demais instrumentos de coleta e tratamento de dados utilizados foram o Levantamento Bibliográfico e a Pesquisa Documental. A Pesquisa Documental teve o seu foco em edições do *Cidade Alerta* que foram selecionadas, assistidas, novamente selecionadas para, enfim, serem analisadas. Especificamente, fez-se uma busca por notícias e reportagens na *internet* e por trechos das edições do programa no site do mesmo³. Na visão de Moreira (2005, p. 271), a Pesquisa Documental “[...] compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”.

O resultado final está apresentado neste artigo por meio de uma discussão teórica sobre o Jornalismo e o fazer jornalístico, seguida de reflexões acerca da linguagem televisiva e do jornalismo policiareco. Os dados da Análise de Conteúdo das edições analisadas do *Cidade Alerta* são apresentados e debatidos e, finalmente, as considerações são tecidas, sendo que as mesmas, diante do que foi apurado, mais apontam questionamentos sobre a necessidade de uma regulação pública dos conteúdos televisivos, especialmente daqueles que são travestidos de jornalísticos e informacionais, do que conclusões em si.

³ Disponível em: <https://www.r7.com/cidadealerta>.

Telejornalismo policialesco: informação jornalística ou entretenimento *fait divers*?

No Brasil, quando o assunto é a programação televisiva, a própria legislação da radiodifusão corrobora para que interesses privados se sobreponham aos interesses públicos, afinal, por aqui a televisão é uma concessão pública, mas de direito privado. Leal Filho (1999) entende que a situação histórica da televisão no Brasil fere o princípio básico da democracia, que é o controle público, já que as emissoras operam as programações balizadas por interesses mercadológicos, e não pelo interesse público. Para o autor, se a própria Constituição Federal afirma que a radiodifusão é um serviço público, as emissoras de rádio e de televisão deveriam ser publicamente controladas. Todavia, a lógica capitalista que move a radiodifusão brasileira privilegia outros interesses em detrimento do próprio interesse público.

De acordo com Marcondes Filho (1988), dois sistemas de comunicação derivados da essência das reduções sustentam os “esquemas básicos” da linguagem televisiva no Brasil: os signos e os clichês. Comumente, a linguagem sígnica é utilizada para distanciar determinado conteúdo da realidade, livrando o público, por exemplo, de sensações negativas por meio da construção discursivo-narrativa focada na não-identificação, enquanto na linguagem dos clichês a intenção é justamente o contrário, pois são agrupados inúmeros elementos provocadores de emoções e de identificações.

Na História da Televisão brasileira, esse tipo de pensamento foi reforçado no final do regime militar, mais especificamente no início de 1980. Foi justamente nesse contexto no qual a violência passou a fazer parte da programação televisiva brasileira que, no início de 1990, emergiram os telejornais policialescos e sensacionalistas, caracterizados pela utilização de um formato vinculado ao entretenimento de horror. No Brasil, o programa *Aqui Agora*, exibido pelo SBT no ano de 1991, foi um dos pioneiros no gênero de Jornalismo Policial. Segundo Varjão (2015, p. 8), “a exploração de uma linguagem realística e a espetacularização dos fatos narrados eram suas principais características”.

A partir desse momento, outros telejornais do mesmo formato e gênero começaram a aparecer e conseguiam bons índices de audiência sob a égide da estética sensacionalista, que há muito se fazia presente em periódicos impressos. De fato, a

essência do Jornalismo Policial está no sensacionalismo. Na compreensão de Angrimani Sobrinho (1995), um produto jornalístico sensacionalista é aquele estrategicamente formatado para estimular reações emocionais por meio de recursos relacionados à linguagem ou à edição de conteúdo, até mesmo no que concerne à exploração do chamado *fait divers*, jargão utilizado para identificar conteúdos jornalísticos pitorescos, curiosos, inusitados, bizarros ou escandalosos. Nos dizeres de Barthes (1971), *fait divers* é um tipo de “informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo, anônimos”.

A dramatização, que não é uma categoria inerente à prática jornalística, reflete-se, por exemplo, na duração das reportagens, que muitas vezes se prolongam por toda a edição e chegam a durar até trinta minutos, ou são constantemente retomadas com informações ao vivo alimentadas por comentários do apresentador. Na dramatização há ainda a produção de suspense principalmente por meio das trilhas sonoras que constantemente são colocadas ao fundo das reportagens e do ritmo e tom da voz dos âncoras e repórteres que “[...]manipulam o teor das notícias acelerando a velocidade de seus comentários e aumentando o volume da voz” (ROMÃO, 2013, p. 116). A esse conjunto soma-se também o uso constante de adjetivos, figuras de linguagem e frases de efeito capazes de impactar mais ainda aquilo que está sendo veiculado. Por isso é que Angrimani Sobrinho (1995, p. 40) afirma que a linguagem dos programas televisivos policialescos não é a sígnica, e sim, a dos clichês.

Romão (2013, p. 144) também apresenta a construção de credibilidade como outra base do jornalismo policialesco que “valendo-se do trabalho de captura da atenção [...] pavimenta o solo para que a visão de mundo defendida [...] possa adentrar a casa dos telespectadores com ares de verdade”. Para compor essa credibilidade, além da autorreferenciação, os telejornais policialescos usam do *hiper-realismo*, que é uma forma de tratar e conceber as imagens para que elas pareçam ainda mais reais.

Isso posto, é possível afirmar que quando um programa televisivo utiliza técnicas e elementos ficcionais – tal como a dramaticidade – para construir narrativas que deveriam ser jornalísticas, a barreira entre a informação e o entretenimento é rompida, e a ênfase nas emoções se sobrepõe ao caráter informacional que o mesmo deveria ter. Nesse sentido, esse tipo de programa televisivo não deveria ser concebido

como um telejornal, visto que está muito mais relacionado ao gênero do entretenimento bizarro do que com a apuração e difusão de notícias.

A semana ‘d’ do *Cidade Alerta*

Como dito, foi na década de 1990 que o telejornalismo policialesco emergiu no Brasil, mais especificamente por meio do *Aqui Agora*, veiculado pelo SBT, programa de grande audiência que, segundo Amorim (2008, p. 80), trazia “notícias de conteúdos dramáticos, mostradas de maneira cruel”. Logo, outras emissoras seguiram o modelo inaugurado pelo SBT, como é o caso da *Rede Record*, que, no final do ano de 1995, colocou o *Cidade Alerta* no ar de segunda à sexta-feira, das 17h30 às 19h, com apresentação de Ney Gonçalves Dias (OLIVEIRA, 2011). Com uma longa duração e poucos *breaks* e, portanto, sem muito espaço para as propagandas que sustentam o modelo de televisão no Brasil, o *Cidade Alerta* criou um modo próprio para gerar recursos, o “Disque 0900”.

Durante dez anos o *Cidade Alerta* se manteve na programação da *Rede Record*, mas em 2005 foi encerrado por falta de audiência. Voltou a ser exibido de junho a setembro de 2011, e firmou-se na programação da emissora somente em junho de 2012 (NOGUEIRA, 2000). Esses altos e baixos não aconteceram apenas em relação à presença do telejornal no cronograma da *Rede Record*, como também em relação aos apresentadores, aos horários e aos cenários do programa. Durante todo o tempo em que esteve no ar, o *Cidade Alerta* teve mais de uma dúzia de apresentadores, mudou seu horário de transmissão inúmeras vezes e sofreu diversas modificações quanto às vinhetas e ao cenário de apresentação.

Tal como está expresso na introdução, o Levantamento Documental relacionado às edições do *Cidade Alerta* foi feito de 26 de setembro a 01 de outubro de 2016. Nesta semana, os programas foram assistidos e anotações a respeito do seu conteúdo foram feitas para posterior análise. Na semana analisada, percebeu-se que os clichês, os adjetivos, as dramatizações e a autorreferenciação estão presentes do início ao final do *Cidade Alerta* em vinhetas, pautas, duração das reportagens, escolha das fontes, angulação das entrevistas, produção do suspense, tom, timbre, postura e

linguagem do apresentador, trilha sonora, dentre outros que mais adiante serão detalhados.

Em se tratando das pautas, Romão (2013) salienta que nos telejornais policiaiscos existe uma ênfase nas temáticas do meio policial, como a violência, a dor e o sofrimento. Na semana analisada, das trinta reportagens, oito tinham como pauta o tema “assassinato” e seis o tema “agressão”. Os outros assuntos foram “tentativa de assassinato”, com quatro reportagens, “roubo”, “estupro”, “extorsão”, “sequestro” e “tráfico de drogas” com duas reportagens cada, e “pedofilia” e “acidente de trânsito” com uma reportagem cada. No Jornalismo, essa escolha pelo que vai ser veiculado ou não é chamada de critério de noticiabilidade, ou seja, o veículo define, a partir de alguns critérios – que podem ser a linha editorial do programa, os interesses mercadológicos ou públicos, por exemplo –, o que vai ou não ao ar.

No caso do *Cidade Alerta*, além do próprio sensacionalismo como critério, Gomes (2004, p. 4) aponta também a “disponibilidade do acontecimento”: o bom relacionamento que o programa possui com a polícia faz tornar possível a distribuição de uma equipe de jornalistas nas principais delegacias de São Paulo. Essa presença marcante fica ali à espera do acontecimento, do fato que pode vir a se tornar reportagem principal, com direito a entradas ao vivo: “O *Cidade Alerta* se beneficia de um bom relacionamento construído com o meio policial, o que lhe garante vários ‘furos’ e a possibilidade de acompanhar e transmitir ao vivo as ações policiais” (Grifos da autora).

Outro critério observado pelo autor é a universalidade: o programa, mesmo que seja transmitido em várias capitais brasileiras, atribui maior ênfase aos acontecimentos de São Paulo e às ocorrências policiais do local. Na Análise de Conteúdo empreendida na semana pesquisada, constatou-se que das trinta matérias analisadas, treze ocorreram no estado de São Paulo, seguido de Minas Gerais (com sete reportagens), de Santa Catarina e do Distrito Federal (com duas reportagens) e do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, do Pará e da Bahia (com uma reportagem). Apenas uma reportagem não teve o local identificado.

Além dessa centralização, os protagonistas das reportagens são pessoas comuns, que em geral vivem dramas em suas trajetórias existenciais, seja como vítima de algum ato violento, ou por laços de parentesco ou amizade com as vítimas. Para além do critério de noticiabilidade, isso revela uma das estratégias de audiência existentes no

Cidade Alerta: “[...] o discurso do programa traz um componente de universalidade que diz respeito a qualquer morador das grandes cidades brasileiras, que sofre com a violência, o caos e a falta de infraestrutura urbana” (GOMES, 2004, p. 5). Então, apesar de apostar em uma cobertura centrada em São Paulo, os temas são universais, afinal, violência, dor e sofrimento são temáticas que, atualmente, fazem parte da vida, principalmente nos grandes centros urbanos.

Contudo, a dramatização talvez seja o elemento mais marcante no *Cidade Alerta*, estratégia que é derivada do gênero ficcional – e não jornalístico, cuja maior materialização está na duração das reportagens. Enquanto a reportagem estiver levantando altos picos de audiência, a produção do programa arranja maneiras de mantê-la no ar, seja com repetições constantes de um mesmo vídeo, com entradas ao vivo, ou até mesmo com comentários vazios do apresentador para preencher o tempo.

Uma das matérias analisadas que foi veiculada no dia 28 de setembro de 2016 teve mais de vinte minutos de duração e dizia respeito a um homem que confessou ter estrangulado o enteado com golpes de *jiu jitsu*. O âncora Marcelo Rezende, ao fazer a cabeça de matéria da reportagem, não só explicou o assunto, como também mostrou uma parte do vídeo em que o homem confessava o assassinato, emendando com comentários sobre a sua indignação para com as leis brasileiras num discurso que durou sete minutos e 56 segundos. A reportagem em si registra sete minutos e vinte segundos e a nota tem cinco minutos e sete segundos, sendo composta com o trecho do vídeo da confissão que já havia sido veiculado na cabeça de matéria e na reportagem. Ao somar o tempo destinado à cabeça ao tempo utilizado na nota de pé, tem-se 64,4% da matéria com conteúdos vinculados aos clichês, às adjetivações, à dramatização e à autorreferenciação. Parte da insignificância informativa presente nesta matéria pode ser percebida no discurso do apresentador Marcelo Rezende a respeito do *jiu jitsu*:

Eu já cansei de ver na academia, né, o sujeito lá tava tudo certo, treinava, era uma beleza... E aí, caladinho... Aí quando ia pra rua, sempre achando que o outro não sabia a mesma técnica dele, virava um leão, né. E não vi só uma vez não, se bem que eu já vi uns tomarem umas coças arrumadas também na academia quando era descoberto que usava isso. Mas isso era outro tempo, um tempo em que você praticava um esporte, né. E até hoje se pratica o esporte, né.

Na semana de análise do *Cidade Alerta* observou-se manchetes como: “Garota é salva do monstro das ruas”, “Rejeitado e nervosinho: o espancador”, “Maníaco de

Guarulhos: abusa e tortura”, “Garotinho Joaquim: padrasto monstro confessa que matou”, “Ciúme: rejeitado ataca menina grávida”, “Desejo de torturar: traição é desculpa”, “O experiente e a novinha: o fim do sonho”, “Maníaco vigilante atacava sem parar”. O peso sensacionalista se dá não só pelo emprego dos adjetivos, mas pela escolha dos verbos de ação: abusar, torturar, atacar e espancar.

O *Cidade Alerta* também investe na produção do suspense, principalmente por meio das trilhas sonoras nas reportagens. Na semana analisada, dezesseis das trinta matérias tiveram música de suspense como som de fundo. Às vezes a trilha sonora nem é percebida pelo público, mas induz a sentimentos como o medo, a ansiedade e a angústia. Essas sensações são reforçadas também pela fala dramatizada do apresentador mediante a tonalidade ou o ritmo da fala.

Tal como o sensacionalismo e a dramatização, os clichês também são elementos muito presentes nas edições analisadas, e ocorrem por meio de adjetivos, frases de efeito e figuras de linguagem. Em duas reportagens veiculadas no dia 26 de setembro de 2016, Marcelo Rezende, ao fazer a cabeça de matéria sobre assuntos que envolviam agressão, utilizou a expressão “*sentou a mamona*”. Na edição do dia seguinte, por exemplo, o apresentador faz a cabeça de matéria de uma reportagem que tratava de um homicídio cometido por um policial militar que havia matado a sua ex-namorada. Ao descrever a relação que o casal tinha, Marcelo Rezende diz: “Não... *Namorico... Daqueles que a bola nem chegou na marca do pênalti*”.

Por meio desses recursos na linguagem utilizados pelo âncora está também cômico, o humor, intimamente relacionado ao grotesco e à própria banalização da violência. De acordo com Sodré e Paiva (2002, p. 44), “Grotesco é o cômico, o feio, o monstruoso, a palhaçada”, um estilo que se expressa principalmente em programas que enaltecem e espetacularizam o absurdo, o que choca, o que causa estranhamento. Ainda segundo Sodré e Paiva (2002, p. 56), essa exploração do grotesco é o que gera o riso, mas não é um riso qualquer, é um “[...] riso nervoso, para que se crie um ‘estranhamento’ do mundo, uma sensação de absurdo ou de inexplicável” (Grifos dos autores).

Por fim, mas não menos importante, estão as entrevistas dispostas no programa. Segundo Romão (2013) é nas sonoras que se pode ter uma expressão maior da dramatização utilizada: além de escolherem fontes próximas aos personagens das

matérias, os repórteres indagam muito mais sobre seus sentimentos do que sobre as informações de interesse jornalístico. Nas reportagens analisadas, em muitos momentos, pode-se perceber que o próprio repórter induz o entrevistado a se emocionar. Na edição do dia 28 de setembro de 2016, por exemplo, há uma reportagem sobre uma jovem chamada Catiane que foi encontrada morta após sair de casa para uma entrevista de emprego. A garota foi assassinada brutalmente e, no dia, ainda não se sabia ainda quem cometeu o crime. Na reportagem, o jornalista entrevista uma das melhores amigas da vítima em um local onde elas costumavam ir juntas:

Repórter – Meiga, extrovertida, animada, companheira... São várias as características que Catiane possuía e isso cativava muito as pessoas que viviam ao seu redor. Um de seus locais prediletos era esta praça próxima ao centro de Valparaíso e, Karina, era uma das amigas que sempre estavam por perto. Voltar a esse local dá saudade?

Karina (amiga da vítima) – Sim, dá muita saudade, eu acho que dá um aperto muito grande no coração da gente chegar aqui e saber que Catiane não vai estar aqui, entendeu? Que ela não vai estar aqui reunindo a galera, cantando, a gente não vai deitar no chão e vai ver a lua como a gente sempre fazia.... Então realmente dá uma saudade porque parece que parte da gente também se foi e essa praça não é a mesma coisa sem a Catiane.

Como se pode notar, a indução à emoção se dá não só pela escolha do espaço para a realização da entrevista – que relembra na entrevistada momentos que passou junto com a amiga assassinada – como também pelas características atribuídas à Catiane no início da pergunta e pelo próprio fechamento: “Voltar a esse local dá saudade?”. Para Romão (2013), é justamente na junção de todos esses recursos indicados que o telejornal policiaisco expressa seu sensacionalismo, um dos alicerces do gênero.

Por dentro da semana ‘d’: violência, dor e sofrimento

Como dito, as edições do *Cidade Alerta* chegam a ter mais de três horas de duração e, por isso, optou-se por analisar as cinco matérias de cada edição que são disponibilizadas no site da *Rede Record*⁴, que sempre escolhe cinco reportagens do dia para serem veiculadas. Depois, três foram selecionadas, quais sejam:

⁴ O acesso é possível através do link <http://noticias.r7.com/cidade-alerta/>.

Quadro 1 – Matérias do *Cidade Alerta* analisadas

MANCHETE	DURAÇÃO	DATA DA VEICULAÇÃO	ASSUNTO
O experiente e a novinha: o fim do sonho	7'50"	27/09/2016	Feminicídio: policial que assassinou a namorada
Garotinho Joaquim: padrasto monstro confirma que matou	20'25"	28/09/2016	Infanticídio: padrasto que assassinou o enteado
Distraiu com o celular e foi atropelada	2'22"	01/10/2016	Atropelamento: jovem que foi atropelada e não foi socorrida

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nas reportagens analisadas, Marcelo Rezende utilizou os termos “*degenerado*”, “*safadão do mal*”, “*ladrão*”, “*maníaco*” e “*criminoso*” para se referir aos suspeitos ou acusados de determinados crimes. Os repórteres também assumem essa posição e, nas passagens que realizam constantemente adjetivam os indivíduos, principalmente com a palavra “*criminoso*”. Os trechos dos discursos de Marcelo Rezende que estão transcritos a seguir exemplificam o juízo de valor dos acusados na cabeça de matéria, antes mesmo da reportagem ser transmitida e o telespectador se inteirar do fato noticiado:

Marcelo Rezende – Ela se chama Tamires e tem um filho. E ele se chama Antônio. E tudo começa pela internet, na internet eles se encontram [...] E a partir daí eles vão namorar. [...] e ela cai de cabeça no relacionamento a um ponto que ela o leva para morar na casa da mãe, da mãe dela. Só que Antônio, de cara começa a brigar com a sogra. Num dia lá, ele senta a mamona na sogra. A sogra expulsa filha, com neto, com ele, todo mundo embora. Eles vão embora e alugam uma casa. E o menino, né, está com ela. Só que ele é um degenerado e começa também a bater no enteado (28/09/2016. Grifos nossos).

Marcelo Rezende – Esse é safadão do mal! [...] Ele está namorando uma geóloga [...] Pergunta se ela não é mais uma que entrou no golpe de “Lucas safadão” (26/09/2016).

Marcelo Rezende – Aqui é um exemplo da justiça brasileira que adora um ladrão. Aquele ali estava preso porque ele é ladrão. Mas no dia, no dia das mães ele recebeu essa famigerada saidinha temporária. E ele saiu na saidinha temporária do dia das mães. Por que? Porque a justiça brasileira o colocou na rua (27/09/2016).

Marcelo Rezende – A mulher que está ali, ela há de contar toda a dor que ela viveu. [...] ela lembra também que o maníaco... o maníaco tem uma tatuagem de palhaço na mão. E o nosso Bruno Peruca (repórter) foi atrás da história e do maníaco (28/09/2016).

Ao fazer a cabeça de matéria repleta de adjetivações e julgamentos, Marcelo Rezende lança elementos intervenientes nos processos de significação, de modo que quando se começa a assistir a reportagem, já se tem o “culpado” previamente apontado. Toda essa visão de mundo apresentada pelo *Cidade Alerta* – de que se vive em um caos social e que os culpados são os “degenerados” e “maníacos” – é a justificativa para as soluções apresentadas, que, como Romão (2013) define, se resumem no reforço do policiamento ou no estímulo a punições mais severas, como a pena de morte ou mesmo o extermínio.

Uma das reportagens veiculadas em 30 de setembro de 2016 apresenta o caso de uma mulher que foi torturada pelo marido e um ajudante. A causa da agressão foi uma suspeita infundada de que a mulher estava sendo infiel. Tanto na cabeça de matéria quando na nota pé, Marcelo Rezende faz os seguintes comentários:

Marcelo Rezende – No país, que é o meu país que eu inventei, né, que não é o país que a gente vive, é um país que eu inventei, o que eles fizeram, eles iam sofrer, né. Ia ser lei de talião, olho por olho, dente por dente. [...] Deixa eu dizer uma coisa, né. No país que eu inventei, que é o país da minha imaginação, esses dois iam sofrer a mesma coisa que eles fizeram com essa senhora. E vou dizer mais uma coisa, iam sofrer, mas igualzinho. E mais, quem sabe um dia, e isso não é vingança [...] é punição. Porque a cadeia no Brasil não é punição.

Nesses trechos, Marcelo Rezende explicitamente diz que o *Cidade Alerta* é um programa que defende a punição como o caminho viável e mais eficaz para a melhoria da segurança do país. Constantemente o apresentador também fala em seus comentários sobre “esse país que eu inventei”, um discurso eminentemente ligado à autorreferenciação. Por meio dessa ideia, Marcelo Rezende ressalta o modelo de sociedade ideal e, em muitas dessas vezes, defende inúmeras formas de violência, como a pena de morte, por exemplo.

Marcelo Rezende – Um infeliz desse, num país que eu mandasse, depois dessa confissão, depois da confissão, eu ia dizer pro juiz “só pergunta pra ele se ele confirma a confissão”, “confirma”. Então não precisa julgar, agora vamos ver qual a pena, isso num país que eu mandasse, né. Aí eu ia dizer, lógico que a pena dele é a de morte, né, não tem outra (26/09/2016).

Pelo exposto, é possível afirmar que o *Cidade Alerta* recorre ao sensacionalismo em prol da busca da audiência e, ao priorizar a emoção ao invés da informação, cria

uma atmosfera de superficialidade, banalização e incitação da violência. Sua tecnologia de ponta, a sofisticação técnica e a exclusividade nas reportagens reforçam, juntamente com a figura imponente e defensora do âncora, a credibilidade que o programa possui, principalmente por meio da autorreferenciação. Assim, alicerçado nos princípios do sensacionalismo – e não do Jornalismo – o *Cidade Alerta* utiliza clichês, adjetivações, dramatizações e autorreferenciações para espetacularizar a vida, a violência, a dor e o sofrimento em detrimento da própria informação jornalística.

Considerações finais

Antes mesmo de começar a pesquisar o tema que foi o cerne deste estudo, já era notável que o estilo policialesco – que faz parte de muitos programas televisivos brasileiros que se auto intitulam jornalísticos – tinha algum problema com a ética e com o próprio fazer jornalístico. Para melhor compreender esse contexto em um dos programas policialescos de maior audiência no Brasil é que a presente pesquisa se centrou na Análise de Conteúdo do *Cidade Alerta*, que possibilitou visualizar para além das entrelinhas do gênero, uma vez que proporcionou um desnudamento desse programa que, de jornalístico, só tem a autorreferenciação.

O que mais despertou as problematizações iniciais da pesquisa era justamente altos índices de audiência atingidos pelo *Cidade Alerta*: em seu primeiro ano no ar foi líder de audiência e, mesmo sendo excluído da grade da *Rede Record* por algum tempo, voltou, e hoje é um dos carros-chefes da emissora. Tal indagação foi fomentada pelo fato deste programa ser sempre alimentado com notícias trágicas relacionadas à violência, à dor e ao sofrimento.

A resposta para este paradoxo, que mais se traduz num questionamento, aponta para uma alteração do ângulo de visão: o que chama a atenção em programas como o *Cidade Alerta* não é a notícia em si, mas o sensacionalismo nela injetado com ares de universalidade e credibilidade representativa da realidade concreta. Nesse tipo de programa de entretenimento de horror – e não vinculado ao gênero jornalístico, ressalta-se ainda o uso abusivo de clichês, adjetivações, dramatizações e autorreferenciações com uma finalidade meramente mercadológica, focada não no caráter público que, pelo texto Constitucional, é atribuído às emissoras televisivas, mas nos índices de audiência

garantidores de maiores lucros perante o preço cobrado por cada segundo de propaganda que, direta ou indiretamente, é veiculada.

Paralelamente a isso, soma-se a supremacia tecnológica – um dos elementos atribuidores de credibilidade e fortalecedores da autorreferenciação: os recursos tecnológicos, os helicópteros, as entradas ao vivo, os furos jornalísticos, as imagens em primeira mão, tudo isso – além da autorreferenciação de que o que ali se faz é um exercício da verdade – acaba congratulando positivamente para uma possível fidelização do telespectador, afinal, o discurso que se propaga é que quem assiste, confia.

Nessa perversa trama, o âncora é uma figura crucial: nas edições analisadas, Marcelo Rezende – praticamente o tempo todo – encena o papel de defensor dos interesses do povo e do “país ideal” por ele criado, um recurso da autorreferenciação que, em termos de ressignificação simbólica, precisa ser mais bem analisado porque tanto banaliza quanto incita a violência.

Perceber os elementos constituidores da linguagem e da estrutura desse tipo de programa televisivo é algo que, no Brasil atual, se impõe enquanto urgência, pois, apesar de se autor referenciar como telejornalismo, um programa como o *Cidade Alerta*, pelo exposto, não segue os parâmetros da ética e do fazer jornalístico, não sendo, portanto, passível de ser assim denominado. Além disso, vale ressaltar que, em virtude da afirmação do caráter público das emissoras televisivas na Constituição Federal do Brasil, há também que se questionar as intencionalidades e os planos de fundo desse tipo de produção, nada vinculada ao interesse público.

Referências

AMORIM, Edgard. **História da tv brasileira**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARTHES, Roland. **Ensaios Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 280-303.

GOMES, Itânia Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: _____ (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-47.

_____. **Brincadeira de bandido e mocinho**: um exercício de análise do programa *CidadeAlerta*. In: II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. 2004, Salvador.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução de Manoel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira: Thomson Learning, 2005.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. Tv, um poder sem controle. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, set./dez. 1999. p. 75 a 80.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

NOGUEIRA, Adriana Cardoso. **Violência nos telejornais**: a realidade espetacularizada. 2000. 474 f. Dissertação (Mestre em Multimeios) – Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas. 2000.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento da televisão brasileira**. In: Colóquio Internacional Televisão e Realidade. 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

_____. *Cidade Alerta*: jornalismo policial, vigilância e violência. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 121-150.

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. **Jornalismo Policial**: indústria cultural e violência. 2013. 206 f. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. 156 p.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira**: um conjunto de reflexões sobre como coibir violações de direitos no campo da comunicação de massa. Brasília, DF: ANDI, 2015.